
CAMÕES, FIGURA LITERÁRIA HÚNGARA**Pál Ferenc¹**

RESUMO: Na literatura húngara do século XIX, Luís Vaz de Camões ocupa um lugar especial. Não apenas por ser um poeta que correspondia aos cânones do Romantismo, senão também por mencionar a origem húngara n' *Os Lusíadas*. Desta forma, tornou-se uma figura emblemática que foi herói de várias obras de ficção húngaras, nascidas pelo século XIX Afora, às vezes personificando aspirações húngaras.

PALAVRAS-CHAVE: Camões, *Os Lusíadas*, romantismo, patriotismo.

RESUMEN: En la literatura húngara del siglo XIX, Luís Vaz de Camões ocupa un lugar especial. No sólo por ser un poeta que correspondía a los cánones del Romanticismo, sino también por mencionar la origen húngara de la familia real portuguesa en *Os Lusíadas*. Así se había tornado un héroe de varias obras de ficción húngaras del siglo XIX, muchas veces representando las aspiraciones políticas húngaras.

PALABRAS-CLAVES: Camões, *Os Lusíadas*, Romanticismo, patriotismo.

No número 14 de 1862, o semanário de Budapeste, *Vasárnapi Újság* ('Jornal de Domingo') informa os leitores na sua seção "Tárház" ('Depósito') que "está no prelo um livro de poemas da autoria de Hiador, que versa sobre a prisão de Luís de Camões". O livro que foi publicado no próximo ano na cidade de Szabadka, editado por um tal Oblath Leo que aparece na capa como "proprietário" – supomos, da edição – tem por título *Hiador költői művei* (*Obras poéticas de Hiador*).

O nome do poeta, como se pode deduzir dum livro publicado em 1861 pelo mesmo editor, é um pseudónimo, pois neste livro de 1861 do mesmo editor aparece o nome Hiador entre parênteses e junto com o nome de Pál Jámbor, autor deste livro intitulado *Párizsi emlékek* (*Lembranças de Paris*).

No livrinho, afinal, não se encontram, como se poderia esperar, poemas ou um ciclo de poemas dedicados à prisão do poeta Português, senão um poema épico, entre

¹ Professor Doutor do Departamento de Português da Faculdade de Letras da Universidade Eötvös Loránd em Budapeste/Hungria. E-mail: pal.ferenc@btk.elte.hu

outros, intitulado *Louis de Camoens* (sic!) que ocupa as primeiras 70 páginas do livro (5 até a 76) e narra em seis cantos e 143 estrofes de oitava rima (versos de 6 sílabas, e rima ímpar) a prisão de Camões no Oriente e o seu regresso feliz à Pátria.

Pál Jámbor, que foi outrora capelão, deputado e depois da guerra da libertação na Hungria, em 1848-1849, passou dez anos em exílio voluntário na França, nos anos anteriores já escrevera vários poemas sobre figuras heroicas que lutavam pela liberdade, tendo mesmo chamado uma das figuras de revolução húngara, de 1848, Lajos Kossuth, de um “novo Washington”.

Deve ter sido este fervor patriótico que o levou a escrever este poema épico sobre Camões que tinha um verdadeiro culto na Hungria no século XIX.

O culto de Camões que se formava na Hungria décimonónica nutria-se de duas fontes: de um lado, e na época pré-romântica e romântica, o vate Português aparecia como nesta época se queria ver o poeta: uma figura genial que se revolta contra o poder, sacrifica tudo, mesmo o seu amor, pela poesia e pela pátria e morre em miséria, esquecido por todos. De outro, como autor dum poema épico, *Os Lusíadas*, onde se faz referência à origem Húngara da família real Portuguesa.

Este facto, assim como o patriotismo de Camões, foram fatores muito importantes para os húngaros da primeira metade do século XIX, porque a Hungria a querer libertar-se da opressão austríaca e formar uma nova identidade nacional encontrou na figura de Camões um forte ponto de referência. Por isso, após as alusões ao poeta abnegado que morre na miséria, como isso acontecia no século XVIII², a partir dos anos 1820 Camões aparece como um símbolo do patriotismo abnegado e disposto para todo tipo de sacrifícios nos escritos dos poetas e escritores húngaros que com a sua figura queriam fustigar e entusiasmar os seus compatriotas.

Num artigo intitulado *Nemzeti hagyományaink (As nossas Tradições Nacionais)* o poeta Ferenc Kölcsey, autor do *Hino Nacional*, escreve, em 1925, o seguinte:

² Cf. Assim escreve János Batsányi, poeta húngaro deste século numa sua obra: “Eis os poetas da Grécia e do País dos Ingleses que passaram por todos os infernos monstrando-no-los, e que são os filhos privilegiados dos Deuses -- e agora passam sua velhice em pobreza e entre sofrimentos (Homero, Milton, Cervantes, Camoens [sic!], Dante)... *Régi magyar irodalmi szöveggyűjtemény*. [Http://209.85/135.104.03.15](http://209.85/135.104.03.15), illette: <http://magyar-irodalom.elte.hu/gepesk/corpus/XVIII/patsj018.htm>. 15 de março de 2007.

Foi uma lástima que nós sempre estávamos prontos a receber influências vindas de fora, e quando Camoens (sic!) nos confins da Europa, passando fome, cantou a glória eterna da pátria, o nosso bispo da cidade de Pécs, fez belos versos em língua alheia. (KÖLCSEY, 1951, p. 221).³

Num artigo de János Arany, outro insigne poeta do século XIX, que apela à vocação dos poetas, a figura de Camões já aparece em ambiente, por assim dizer, ficcionalizado: a nadar e lutar com as ondas enfurecidas do mar enquanto se esforça para salvar o manuscrito de *Os Lusíadas*.⁴

Sim, a vocação do vate vê-se nos esforços daquele *nadador* que luta com as ondas enfurecidas do mar segurando entre os dentes o rolo de pergaminho para salvar a sua obra e a vida, o perderem-se uma e outras. Este que nada é Camoens, e o rolo: *O Lusíada* (sic!). (ARANY, 1983, p. 410)⁵

O público húngaro, como já mencionamos, além de esta imagem romântica, tão cara para os artistas da época, conhecia e reconhecia Camões como o cantor da origem húngara da família real portuguesa. Após as leituras das traduções latina, francesa e alemã d' *Os Lusíadas*, em 1918, o poeta Sándor Aranyosrákosi Székely que com os seus poemas épicos históricos participou ativamente na formação da consciência húngara nacional, traduziu o primeiro canto do poema épico do vate português⁶, incitado, com certeza, pela mensagem patriótica do poema, e na segunda metade da década de 1820 se desenvolvia uma querela acerca de se era verdadeira ou não esta filiação húngara dos reis portugueses, querela que se reatava na década seguinte⁷.

³ Kölcsey Ferenc: "Nemzeti hagyományaink". *Válogatott művei*, I-II. Budapest, Szépirodalmi, 1951, vol I., p. 221.

⁴ Arany János: "Irodalmi hitvallásunk". *Koszorú 1 és 2, 1863. Összes Művei*. Budapest, Szépirodalmi Kiadó, 1983. vol. XI, p. 410.

⁵ Arany János: „Irodalmi hitvallásunk”. *Koszorú I. Összes Művei*, Budapest, Szépirodalmi Kiadó, 1983. XI. kötet, 410.

⁶ Cf. [http://unipedia.unitarius-halo.net/index.php?title=Székely_Sándor_\(aranyosrákosi\)_-_Pallas_nagy_lexikona](http://unipedia.unitarius-halo.net/index.php?title=Székely_Sándor_(aranyosrákosi)_-_Pallas_nagy_lexikona). 14 de fevereiro de 2011. A tradução é mencionada em muitos documentos, mas sem o lugar da publicação. Continuamos a buscar o manuscrito.

⁷ Ver István Rákóczi: "A suposta origem húngara da primeira dinastia portuguesa n'Os Lusíadas de Camões". *PortugalHungria*, 1999, pp. 57-77.

Aqui não queremos entrar em pormenores desta disputa científica sumamente interessante, apenas aventuramos a hipótese que ela também podia contribuir para a divulgação da figura e obra de Camões entre o público Húngaro – divulgação que levou a uma tal identificação cujos resultados podemos ver na tradução d’*Os Lusíadas* de Gyula Greguss, saída à luz duas vezes, no espaço de dez anos, em 1865 e 1874⁸. A sua popularidade se devia a que apresentou o texto camoniano em húngaro vernáculo, com reminiscências aos cantos heroicos húngaros nascidos sob a égide dum nacionalismo do século XIX, entre cujos cultores se encontrava o já mencionado poeta Sándor Aranyosrákosi Székely.

Tudo isso levou a que nesta primeira fase do Romantismo, quando proliferavam as obras históricas, surgiram obras de ficção de temática portuguesa e inclusive obras literárias protagonizadas por Camões.

Em primeiro lugar, temos de mencionar uma novela histórica, publicada em 1836 nas páginas do almanaque *Aurora*. O autor, József Gaál, escritor de romances históricos no estilo de Chateaubriand e de Walter Scott, intitulou a sua obra *A portugali gróf* ou seja *O Duque de Portugal* e em mais ou menos 70 páginas narrou acontecimentos do ano 1091 quando Don Henriquez (sic!), lutando contra os árabes, consolidou o seu poder no terreno entre Minho e Duerro (sic!), assediou e ocupou Coimbra.

Neste mesmo ano sai uma breve biografia romanceada de Camões na revista *Nemzeti Társalkodó (Conversador Nacional)*, assinada por C. I. I., a narrar o exílio do poeta no Oriente, o naufrágio e a luta heroica do poeta a salvar o manuscrito d’*Os Lusíadas*.⁹

Em 1841, um poeta e novelista, István Eördögh publicou na revista *Attnaeum* um conto, intitulado *Camoens*, relatando um episódio da juventude do poeta, e a história literária afirma saber que também escreveu poemas sobre o vate Português, mas estes ainda não foram localizados.

⁸ Ver Ferenc Pál: “Camões *A luziadok* című eposzának magyar fordításairól” (Sobre as traduções húngaras de *Os Lusíadas* de Camões) In *Palimpszeszt*. Nro. 8. http://magyar-irodalom.elte.hu/palimpszeszt/08_szám/08.htm. 14 de março de 2007.

⁹ “Camoens”. In *Nemzeti Társalkodó*, 1836. Iső félesztendő. 21-ik szám, Május 24dik napján .331-335.

Nesta altura, quer dizer, entre 1842 e 1844, o barão Zsigmond Kemény, escritor de romances históricos, estava a escrever um romance intitulado *Élet és ábránd* (*Vida e Sonho*), e publicou alguns capítulos dele na revista *Honderű*, em 1844. Este romance, influenciado pelo sentimentalismo do Romantismo alemão, e mais concretamente pelo romance de Ludwig Tieck, *Tod des Dichters* (*Morte do Poeta*), de 1833, cujo personagem central é Camões, e pelo drama em um ato de Friedrich Halm, intitulado *Camoens* e estreado em 1837 no Burgtheater de Viena, narrava a história de amor de Camões e da sua amada infiel, Catharina de Athaide, o regresso do poeta do Oriente, seu naufrágio no Tejo e a sua morte miserável num manicômio.

Após estes antecedentes saiu o poema épico de Jámber Pál. A forma afrancesada do nome de poeta, *Louis de Camoens*, faz-nos supor que o poeta Húngaro conhecia e estudava a vida e a obra do vate português também na França, que poderia explicar aqueles motivos de seu poema que diferem da imagem de Camões que se formava na Hungria: o poema narra a prisão do poeta no Oriente, a sua fuga e libertação e o regresso feliz à Pátria. Tudo isso diverge das biografias canonizadas e das obras que refletem estas biografias que frisam que Camões foi obrigado a abandonar Lisboa por causa do seu amor por uma dama da corte, Catharina de Athayde e o seu caráter indomável.

No exílio, segundo algumas fontes, tinha uma vida tranquila que o ajudou a escrever o seu poema épico, sendo o único acontecimento trágico desta época o naufrágio e a morte da sua amante. Depois de regressar a Lisboa, por causa de intrigas da corte e dos preparativos para a guerra de África, o valor de sua obra não se reconhecia devidamente, e o poeta vivia miseravelmente de uma tença mínima, que o levou a morte prematura que se coincidia com a perda de batalha de Alcácer Quibir e a perda da independência da Pátria.

O poema épico de Jámber Pál começa com uma curiosa invocação que encabeça o Primeiro canto, de apenas 6 estrofes:

Quero cantar,
Mas não encontro
Uma ideia ou nação

Grande, gloriosa e séria¹⁰ (estrofe 1)

Encontra só uma pessoa digna de ser adornada com louros, Camões, que após trezentos anos ainda tem nas suas feições “o brilho da imortalidade”.

É igualmente breve o Segundo canto no qual se descreve uma fortaleza lúgubre erguida entre rochedos áridos:

Uma fortaleza indiana
Negreja sobre o mar

[...]

Seus muros sombrios, escuros
São tão íngremes e altos
Que mesmo a águia, se voa por aí
Recua assustada.¹¹ (estrofe 7)

O Terceiro canto que vai da estrofe 16 à 62, narra que na fortaleza lúgubre do vice-rei indiano, Barreto, estão encarceradas três pessoas, um português valente, Olivarez, um espanhol alegre, Morino e Camões, “cuja alma não se quebrou /depois de tantas desgraças”¹² (estrofe 30), mas “a sua cara reflete/ uma mágoa dolorosa”¹³ (estrofe 31).

Os três são condenados a morte, pela vontade do vice-rei, e a esperar o momento da execução, fazem tudo por fugir do cárcere.

¹⁰ “Szeretnék zengeni,
De nem lelek sehol,
Eszmét vagy nemzetet,
Mely nagy dicső, komoly...”

¹¹ “Egy indusvár mered
Tengerre feketén,
[...]
Komor sötét fala

Oly meredek, magas,
Hogy félve fordul el,
Ha arra száll a sas.”

¹² “...nem hajlott lelke Meg
A sok csapás után”

¹³ “De arczán valami
Fonnyasztó bánat ül”

Livram-se, afinal, da prisão no canto quarto, mas não pelo túnel escavado no muro do cárcere, senão com a ajuda duma princesa de pele escura, que vestindo a capa do Brahmin, salva-os da prisão, levada pelo amor oculto que sente por Camões.

Os três homens e a princesa fogem num barco, mas naufragam. As 31 estrofes do quinto canto mostram Camões a sofrer numa ilha deserta, árida; a única consolação dele é que de repente assoma o seu companheiro espanhol e logo o capitão de um barco, também naufragado, que o rei D. Sebastião enviou ao Oriente para resgatar o poeta do cativo.

O clímax do poema épico é o sexto canto, no qual surge do mar o manuscrito d’*Os Lusíadas* e aparece no horizonte um barco no qual D. Sebastião, fiel amigo da poesia de Camões, viajava por mares remotos em busca do poeta:

Sim, um barco! Um barco! –
Busca o degradado
Mesmo o grande rei,
Dom Sebastião....

Os braços do rei
Esperam o seu cantor fiel
Entre rei e poeta
Tal momento belo e majestoso
Não houve outro
Sob este céu.¹⁴ (estrofes 124-125)

Mas este estado idílico quando o poeta salvo lê o seu poema ao monarca dura apenas até a chegada a Lisboa. Em vão surgem durante a viagem Olivares e a princesa

¹⁴ ”Igen, hajó! hajó! –
A száműzött után,
A nagykirály maga
Jött, Dom Sebastián...”

Királynak karja csak
Hú dalnokára vár,
Király s költő között
Ily szép nagy pillanat,
Nem volt úgy gondolom
Kettő az ég alatt.”

de pele escura, que afinal não morreram no naufrágio, não há possibilidade de um feliz final, pois as intrigas minam a saúde do poeta que morre num hospital:

E morreu... não no mar
Nem entre rochedos,
Senão em terra firme –
Lá onde tinha mais fome.
O seu leito mortal foi
O lajedo do hospital
E no seu féretro
Não brilhava o seu nome.¹⁵ (estrofe 140)

O fim do poema épico é uma evocação do ambiente e ideias do Primeiro canto – o nome do grande poeta brilha mais “Passados trezentos anos / do que o teu / Bom D. Sebastião¹⁶ (estrofe 141) e também do destino do poeta romântico, posto que na última estrofe o fado de Camões é comparado ao de Gilbert, Moreau, Chatterton e Homero:

Assim foi que acabou Camões
Este é o fado dos poetas:
Maldito ele na vida
Mas benditos os seus restos mortais.¹⁷ (estrofe 143)

Apesar destas belas palavras, não devemos supor que Jámbor Pál queria pintar uma imagem de poeta romântico. É mais provável que queria aproveitar a temática

¹⁵ “S elhunyt... nem tengeren

Nem kősziklák felett,
De száraz földön – ott
Hol jobban éhezett.
Halotti ágya volt
Az ispotály köve
S koporsóján, ha ez,
Nem fénylett a neve.”

¹⁶ “Háromszáz év után,
jobban mint a tied,
Jó Dom-Sebastián.”

¹⁷ “Igy végzé Camoens.
Ez a költők sora:
Átkozva élete,
De áldva van pora”

portuguesa ou a figura de Camões apenas como pretexto, de tal forma como fizeram os seus contemporâneos.

Gaál József e Eördögh István queriam oferecer obras para o público que se interessava pelo passado heroico dos Húngaros, da dinastia dos Árpades, que tinham fundado Portugal, e também para os leitores que se entusiasmavam com a figura patética do vate Português. Mas Kemény Zsigmond já precisava da figura de Camões para traçar o perfil do génio e analisar os seus próprios problemas.

O poema épico de Jámbor Pál evoca a figura do grande poeta Português, símbolo da liberdade, encarcerado pelo vice-rei da Índia e não foi em vão que o Segundo canto foi dedicado inteiramente à fortaleza lúgubre do vice-rei – este é a verdadeira mensagem do poema. O poeta húngaro, recém-regressado do exílio francês, a desenvolver o motivo do poeta condenado à morte, que na realidade falta da sua biografia, pretendia expressar com isso o desejo de liberdade da sua nação sob o jugo austríaco.

REFERÊNCIAS

- BAUMGARTEN, Sándor. “Camões et la sensibilité hongroise”. In *Bulletin des Études Portugaises*, 1950.
- CAMÕES, Luis Vaz de. *Os Lusíadas*. Lisboa, Instituto Camões, 1992.
- Camoens Luziádája* (trad. Greguss Gyula). Budapest, Athenaeum, 1874.
- Eördögh István: “Camoens”. *Athenaeum* (Budapest), 1841, nros. 1 e 2 do primeiro semestre. Pp. 8-14 e 24-30.
- GAÁL, József, “A’portugali gróf”. *Aurora* (Budapest), 1836. Pp. 281-347.
- (Jámbor Pál): *Hiador költői művei*. Szabadka, 1863.
- KEMÉNY, Zsigmond. *Élet és Ábránd*. Báró Kemény Zsigmond hátrahagyott munkái. Sajtó alá rendezte, bevezetéssel és jegyzetekkel ellátta Papp Ferenc. B. Kemény Zsigmond születésének századik fordulójára kiadja a Kisfaludy-Társaság. Budapest, Franklin, 1914.
- [Http://epa.oszk.hu/00000/00022/00406/12589.htm](http://epa.oszk.hu/00000/00022/00406/12589.htm). 21 de março
- FERENC, Papp. *Báró Kemény Zsigmond*. I—II. kötet. Budapest, M. T. Akadémia, 1922. és 1923.
- RÁKÓCZI István (organização) *PortugalHungria*. Budapest, Tipotext, 1999.
- RÓZSA Zoltán (organização) *Magyar-portugál kapcsolatok*. Budapest, Ed. Universidade Rolando Eötvös de Budapeste, Faculdade de Letras, Departamento de Português, 1987.

Vasárnapi Újság, Hét évi folyam, Pest, 1854-1860. Edição digitalizada, Budapeste, Arcanum Adatbázis, sine data.

Artigo enviado em março de 2015.
Artigo aceito em junho de 2015.